

Queerbaiting e fanfictions: a expansão de narrativas através de *fanfictions* nos *fandoms* de Orphan Black e Supergirl.¹

Caroline da Silva PACHECO²

Gabriela Birnfeld KURTZ³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

O presente artigo aborda a cultura de fãs, representatividade LGBT e a prática de *queerbaiting* em séries. Para identificar o papel da *fanfiction* na expansão de narrativas, o foco foi a produção nos *fandoms* de Orphan Black e Supergirl, duas séries de TV em condições opostas de representação. Através de uma análise de conteúdo sobre duas *fanfictions* de maior popularidade de ambas as séries na plataforma Archive of Our Own (AO3), notou-se duas formas de expansão de narrativas de acordo com a presença ou falta de representação: a ampliação do universo e o preenchimento de lacunas.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; cultura de fãs; LGBT; *fanfiction*; *queerbaiting*.

INTRODUÇÃO

A cultura de fãs é um fenômeno que ganha forma e cresce com o desenvolvimento da sociedade ocidental e da revolução tecnológica pela qual passamos. Essa subcultura - dentro da cultura de massa - abrange o universo do fã, seus *fandoms* e a relação com o conteúdo de admiração, bem como a maneira com a qual os fãs encontraram de se apropriar e criar a partir desse conteúdo. Com o avanço das tecnologias, os fãs passam a ter mais acesso a criações de outros fãs e mais visibilidade para as suas, o que promove a maior difusão de produções de fãs como *fanarts*, *fanfictions*, *fanzines* e *fanfilms*. Entre os conteúdos surgidos dos *fandoms*, as *fanfictions* - em português, “ficções de fãs” - aparecem como uma das formas de produção mais antigas (LEAL, 2017), trazendo textos narrativos que abordam aspectos diferentes da história e que ampliam as possibilidades de enredo do conteúdo original.

¹ Trabalho apresentado na IJ 05 – Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém graduada em Publicidade e Propaganda na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e-mail: caroline.pacheco.csp@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutoranda em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestra em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora no curso de Publicidade e Propaganda da PUCRS. E-mail: gabriela.kurtz@puers.br

As *fanfictions* são conhecidas, além disso, por serem produzidas por grupos da sociedade que se sentem excluídos da cultura de massa, encontrando nessa forma de produção uma solução para invisibilidade que a mídia produz sobre suas identidades. Dentre esses grupos, destacamos a comunidade LGBT. Sendo contemplados com conteúdos que abordam personagens *queer* com raso aprofundamento, que negam sua existência ao mesmo tempo que instigam sua atenção, o indivíduo *queer* precisa buscar por visibilidade em outras fontes de conteúdo.

Assim, nos questionamos sobre o papel das *fanfictions* na relação dos fãs com as narrativas de séries em situações distintas de representação não-heteronormativa. Para validar essa pesquisa, selecionamos duas séries que possuem histórico distinto quanto à representatividade: Orphan Black, série premiada e reconhecida pelo desenvolvimento de um casal LGBT; e Supergirl, série possui problemas de representatividade apontadas pelos fãs. Para verificar se a representação LGBT ou a falta dela afeta os *fandoms* que possuem interesse em conteúdos *queer*, examinamos as duas *fanfictions* de maior sucesso de ambos os *fandoms* no site Archive of Our Own. A técnica empregada para encontrar respostas ao questionamento foi a análise de conteúdo, que permite um estudo aprofundado do texto e a identificação de significados em diferentes contextos selecionados pelo pesquisador.

Na primeira seção, abordaremos a cultura participativa, com conceitos de fã, *fandom* e *fanfictions*. Adiante, na segunda seção, trataremos sobre representação *queer* na TV, conceituando *queerbaiting* e apresentando as séries analisadas. Por fim, iremos trazer a metodologia utilizada no presente estudo, bem como a análise das *fanfics* que selecionamos e os resultados que encontramos.

CULTURA PARTICIPATIVA

Para abordar a cultura de fã, antes é necessário conceituar dois termos centrais para este estudo: o fã e o *fandom*. A palavra “fã” tem origem do latim *fanaticus*, que indicaria uma pessoa com interesse obsessivo por algo, especialmente uma atividade. Ela também deriva de um significado religioso, designando alguém inspirado por um deus, relativo ao templo de Fannun ou mesmo alguém cujo comportamento era resultado de possessão demoníaca (JENKINS, 1992). Essa definição deu origem a conceitos de fãs que, muitas vezes, eram negativos. Contudo, hoje a imagem do fã mudou e, para

Sandvoss (2005), já não é possível estudar cultura popular ou encontrar domínios públicos que não sejam afetados pela figura dele.

É Henry Jenkins quem comenta o conceito de fãs que utilizaremos. Para o autor, os fãs são pessoas inspiradas por histórias da mídia de massa e que utilizam elementos dessas histórias como material bruto para sua própria expressão criativa, buscando outros indivíduos que compartilhem da sua devoção a esses materiais (JENKINS, 2010 apud PORTO, 2010). Então, fã é uma pessoa que desenvolve adoração por um determinado conteúdo e que interage com ele de forma ativa junto a outros.

É pertinente também conceituar *fandom*. A palavra deriva da aglutinação das palavras *fan* (fã) e *kingdom* (reino), e pode ser entendida como “reino de fãs” (JENKINS, 1992). Podemos compreender um *fandom* como um local onde os fãs se reúnem em torno de um interesse em comum. Essa forma de união caracteriza uma subcultura onde os participantes se unem em prol de um produto ou conteúdo de maneira racional, sendo ainda é um local onde o fã encontra aceitação e compreensão dos seus gostos (VALVERDE, 2011).

A produção de conteúdo em *fandoms* é caracterizada por diversas formas de manifestações que exaltam a admiração por um ídolo ou objeto, sendo percebida como uma maneira de reforçar os laços que mantém o *fandom* unido (MONTEIRO, 2007). Ao produzir para a comunidade na qual está inserido, o fã se sente mais próximo do universo que admira (MONTEIRO, 2007), o que torna a experiência recompensadora por si só. E guiados pela motivação intrínseca de criação, os fãs desenvolvem uma infinidade de produtos que contribuem para a expansão da cultura no *fandom*. Nesta pesquisa, nos concentramos na produção de *fanfictions*.

As *fanfictions* são “narrativas com desenvolvimento próprio, que incorporam elementos diversos das produções originais hegemônicas” (JENKINS, 2015, p. 325), mas que possibilitam aos fãs darem uma nova visão para a história. Os autores dessas narrativas escrevem pelo laço afetivo que mantém com o objeto de adoração (VARGAS, 2005), uma vez que eles sentem que “não lhes basta consumir o material que lhes é disponibilizado, passa a haver a necessidade de interagir, interferir naquele universo ficcional, de deixar sua marca de autoria” (VARGAS, 2005, p. 13). Isso evidencia a motivação principal para consumir e produzir *fanfiction*: por um lado, há a necessidade de mais informações sobre o objeto; por outro, desejo de participar do universo adorado.

Segundo Piva e Affini (2017), os escritores de *fanfictions* baseiam-se na ideia de que há uma infinidade de possibilidades para a história e, mesmo que elas jamais se tornem canônicas⁴ na mídia, elas podem se tornar realidade dentro de um *fandom* através da escrita, agradando a parcela dos fãs que não se sente representada. Jenkins (1992) colabora ao relacionar *fanfictions* à fofoca, considerando as duas como “maneiras de explorar mais detalhadamente os aspectos da série primária que mais os interessam [fãs], aspectos frequentemente marginais à trama central, mas que assumem uma importância especial para determinados espectadores” (1992, p. 85). Ou seja, através da ficção escrita, os fãs veem a oportunidade de dar enfoque àquilo que consideram representativo a eles. E, ao falar em representatividade, abordaremos a seguir práticas ligadas a esse aspecto da mídia, entendendo melhor a técnica do *queerbaiting* e a representação LGBT.

REPRESENTAÇÃO QUEER NA TV

Para seguir o debate, é necessário conceituar *queer*. O termo vem da língua inglesa e, originalmente, era utilizado como insulto, uma forma pejorativa de se referir às pessoas e grupos cujas sexualidades eram vistas como anomalias na sociedade (GROS, 2016). À vista disso, o termo pode ser entendido como um *status* de identidade, englobando a população que, ao transgredir os limites impostos pelos gêneros aceitos socialmente, passa a contestar a realidade da heteronormatividade⁵.

Como a sociedade ainda apresenta restrições a expressões sexuais que difiram da norma heteronormativa vigente, há esforço para manter o padrão que repele a presença *queer*. Segundo Guacira Lopes Louro (2000), esses mecanismos de manutenção têm encontro com o indivíduo desde cedo, quando esse está construindo sua identidade de gênero e sexual. A autora comenta sobre a importância vista pela sociedade em agir nessa fase da vida do sujeito, garantindo que ele não vá se desviar da norma e ocupará seu papel como heterossexual. Louro resume sua ideia:

Todas essas práticas e linguagens [...] foram - e são - produtoras de "marcas". Homens e mulheres adultos contam como determinados comportamentos ou modos de ser parecem ter sido "gravados" em suas histórias pessoais. Para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação:

⁴ Relativo àquilo que é representado atualmente como verdadeiro, dentro do roteiro real da história como ela é produzida (LINDBERG, 1999).

⁵ Padrão da sociedade que pressupõe que o modelo ideal de identidade é aquele em que há coerência entre sexo biológico, gênero e desejo (GROS, 2016).

família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas (LOURO, 2000, p. 12).

Neste estudo, o nosso foco é o aspecto da mídia nesse contexto. Entendida como um dispositivo de entretenimento, a televisão busca refletir os aspectos da sociedade e seus debates sociais. A partir do seu poder de comunicar e difundir informações para um público amplo, a TV pode ser vista como “um mecanismo democrático cultural de acesso à comunicação coletiva” (BRAVO, 2014, p. 1). Para Bravo (2014, p. 1), ela tem um papel muito além do simples entretenimento, mas a missão de “conduzir o espectador [...] a uma maior e melhor compreensão do mundo e de si mesmo”. Essa ideia, por sua vez, dialoga com Kellner (2001), que aborda a televisão como mídia construtora de identidades e de poder inegável na sociedade. Para Kellner (2001), o papel da TV nesse processo é “moldado por visões fictícias de uma sociedade cada vez mais dominada pela mídia e pela informação”. Esse meio age por indução (KELLNER, 2001), o que pode levar o indivíduo a absorver ideias como verdadeiras, aderir a atitudes e pensamentos, tornando-se manipulado inconscientemente pelo meio. Acima de tudo, a televisão impacta o público de acordo com o interesse de quem comanda esses meios (KELLNER, 2001). E assim, retornamos à questão da representatividade, ao que Bravo (2014, p. 18) comenta que “a acomodação de representatividade [...] e a preguiça da exposição da diversidade” são sustentadas pela lógica mercadológica das emissoras, que visam sempre atender às demandas majoritárias da sociedade.

Como sugere Jenkins (2015), a evolução e abertura de novos meios de comunicação e difusão de informação afetaram a relação do público com os grandes produtores. O poder e as formas de demanda entre eles mudou e, inclusive, teorias sobre a influência dos fãs sobre os produtores acompanham isso (MORAES, 2018). Agora, práticas produzidas por grandes estúdios contra a visibilidade LGBT estão sendo expostas mais facilmente e esses atos ocorrem, principalmente, por alegações de *queerbaiting*, prática comum que centraliza o debate quanto à representação LGBT na mídia (MORAES, 2018). A termo vem do inglês *queer* unida à *bait* - em português, “isca” -, podendo ser traduzido como isca de *queer* (DUARTE, 2018). O conceito de *queerbaiting* não possui definição consolidada em dicionários, sendo originado de discussões de fãs e ativismo LGBT no meio online (NORDIN, 2015). O *queerbaiting* é entendido por Moraes (2012) como “uma maneira de fisgar a comunidade *queer*, atraindo-a e tornando-a parte

da audiência, porém sem atender às suas expectativas, evitando colocar em risco a grande audiência conservadora” (2012, p. 40). Para Fathallah (2015), *queerbaiting* pode ser compreendido como

uma estratégia por meio da qual escritores e companhias conquistam a atenção de espectadores queer através de dicas, piadas, gestos e simbolismo, sugerindo uma relação entre dois personagens e então, enfaticamente, negando e rindo da possibilidade (FATHALLAH, 2015, p. 491).

A concepção de *queerbaiting* de Nordin (2015) apresenta a prática como uma forma que os produtores encontram de explorar “a área cinzenta entre visível e o invisível, o que está e o que não está no texto” (NORDIN, 2015, p. 1). Nordin reflete ainda sobre a conduta na indústria do entretenimento, compreendendo que essa negação a narrativas *queer* permanece em uso, pois não ofende os telespectadores tradicionais. Esse recurso só prejudica os telespectadores LGBT, que enxergam o *queerbaiting* como algo mais doloroso do que o apagamento naturalizado, já que “coloca uma representação justa e igual em frente aos olhos do público, para logo em seguida arrebatá-la, insinuando que é apenas imaginação” (FATHALLAH, 2015, p. 491). Aliado a isso, a prática tem como intuito reforçar a potência das narrativas heteronormativas, que são representadas em maior número e profundidade (NORDIN, 2015).

Dentre os objetos do trabalho, temos Orphan Black (BBC America, 2013-2017) e Supergirl (The CW, 2015-), duas séries de TV aberta em diferentes situações de representatividade. Com início em março de 2013, Orphan Black é uma série canadense de ficção científica produzida pela BBC America e criada por John Fawcett e Graeme Manson (IMDb)⁶. A série traz Tatiana Maslany interpretando Sarah Manning, uma jovem mulher que, após presenciar um suicídio nos trilhos de uma estação de trem, se envolve em uma trama de conspirações. Logo no início da série, Sarah descobre que é resultado de um experimento científico: é um clone e há outras mulheres com o seu mesmo DNA. Ao entrar em contato com outras clones do projeto experimental do governo, a protagonista se lança em uma longa jornada para descobrir mais sobre o seu passado.

O *fandom* de Orphan Black se autodenomina Clone Club e, dentro dele, existe um grande *sub-fandom*, conhecido como Clonesbians - união das palavras “clone” e “lesbians” -, o que demarca o predomínio de fãs LGBT da série (SCENTTRINI, 2016).

⁶ Ver: < <https://www.imdb.com/title/tt2234222/> >. Acesso em: 14 out. 2018.

Isso colabora com a afirmação de que o público é “atraído pela poderosa representação de sexualidade e gênero em Orphan Black” de Scenitrini (2016, p. 10). Para a autora:

Orphan Black possui uma forte narrativa com personagens dinâmicos e humanos. Os personagens não são caricaturas ou estereótipos; eles não são personagens simbólicos. Eles são personagens humanos e suas sexualidades e gêneros não são suas identidades definidoras. Embora suas sexualidades e gêneros não os definam, essas representações são importantes e poderosas na formação de identidades nos fãs (SCENTTRINI, 2016, p. 12).

A representação LGBT na série ocorre por meio de diversos personagens. Podemos apontar a clone do quarteto central Cosima Niehaus, que se identifica como lésbica, da mesma forma que Sarah (bissexual), seu meio irmão Félix (gay) e Tony (transgênero). Dentre esses personagens, o destaque representativo que mais possui a atenção do *fandom* é Cosima, uma doutoranda em Biologia, dedicada a aprender mais sobre evolução da espécie humana e, assim, mais sobre si mesma e sobre as suas *clone sisters*. Enquanto estuda em uma Universidade, Cosima conhece a Dra. Delphine Cormier, uma estudante francesa em intercâmbio. Mesmo quando descobre mais tarde que Delphine é uma espiã enviada para coletar informações dela para a empresa que criou o experimento de clones, Cosima continua se aproximando e a partir de então, o telespectador pode observar o desenvolvimento do relacionamento de Cophine - nome de *ship* dado ao casal. Desde a descoberta da bissexualidade por Delphine, passando por momentos como beijos, declarações, brigas, terminos e reconciliações, o casal parece ter em Orphan Black uma representação de mesmo aprofundamento que outros casais heterossexuais da trama.

Em Supergirl, a situação muda. Produzida pela rede The CW, a série foi criada por Ali Adler, Greg Berlanti e Andrew Kreisberg - a partir da personagem criada pela DC Comics - e teve sua estreia em outubro de 2015 (IMDb)⁷. A trama conta a história de Kara (Melissa Benoist), a prima mais velha de Kal-El - o conhecido Superman - e sua trajetória para se tornar a heroína Supergirl. A série mostra como Kara vive na Terra e a vida normal que leva até decidir revelar seus poderes para o mundo. Ao assumir a identidade de super heroína, Kara passa a combater o crime da sua cidade com a ajuda de amigos ligados a um esquadrão anti-aliens.

⁷ Ver: < <https://www.imdb.com/title/tt4016454/> >. Acesso em: 14 out. 2018.

A CW é conhecida por ter séries acusadas de *queerbaiting* e, com Supergirl, a rede segue o mesmo caminho. Na segunda temporada, descobre-se que a personagem Alex (Chyler Leigh) é lésbica, ao que se apresenta o interesse romântico Maggie (Floriana Lima). O desenvolvimento do novo casal garante aumento de audiência para a série, que já possuía uma *fanbase* onde boa parte dos fãs são LGBT (MATHISEN, 2017). Mas os problemas de representação começam com o próprio casal, que não recebe o mesmo tempo de tela que outros heterossexuais e rompe, inesperadamente, com parte do *ship* sendo excluído da trama. Contudo, a maior acusação de *queerbaiting* pelo *fandom* vem de outro *ship* da série, o não-canônico Supercorp. O casal é composto por Kara e Lena Luthor (Katie McGrath), personagem inserida na segunda temporada e que parece, inicialmente, ter como função representar a mesma oposição à Kara que Lex Luthor apresenta ao Superman. Porém, a série mostra as duas como amigas e mais próximas do que outras amigas de Kara. Os fãs veem a química da dupla como algo mais forte do que os relacionamentos da protagonista com interesses românticos (DeGalan, 2017). Essa leitura das duas como *queer* pode ser embasado pelas inúmeras cenas em que Kara e Lena aparecem juntas, situações que fazem paralelo com casais heterossexuais como Clark Kent e Lois Lane (Superman) e pelo tom que as atrizes dão às interações. DeGalan (2017, p. 19) analisa as cenas entre as duas e entrevistas:

é claro que ela [Katie McGrath] reconhece os sentimentos estranhos que acontecem entre Lena e Kara. E quando você considera as pistas de atuação que McGrath usa para transmitir química com Kara, em termos de mordidas de lábio, olhos persistentes, gagueira na fala, insinuações sexuais acidentais, engasgos na respiração, etc., torna-se bastante claro aos fãs que Supercorp tem alguma legitimidade.

Em meio às ações negativas da rede televisiva The CW em questão de representatividade - do ponto de vista da teoria *queer* -, a forma como a série Supergirl emprega o *queerbaiting*, entendemos a série como uma representação LGBT negativa.

METODOLOGIA

Quanto ao método de pesquisa, optamos por utilizar a análise de conteúdo. A técnica é a ideal, pois leva em conta não apenas teorias, mas a visão do próprio analista sobre o texto, permitindo que novos conceitos surjam do envolvimento com o material (KRIPPENDORFF, 2004). Com foco no processo e nas operações empregadas pelo pesquisador, a análise considera os significados que o texto tem para o público, já que os significados do conteúdo estão conectados aos contextos nos quais estão inseridos.

Ao aplicar o modelo de Krippendorff (2004) ao estudo, temos como *corpus* da análise quatro *fanfics* hospedadas na plataforma AO3: Severed Crossed Fingers⁸, por Arabybizarre e 03:24:21⁹, por Jaybear1701 (Orphan Black); Supergirl In Training¹⁰, por Wtfoctagon e My Youth is Yours¹¹ (Supergirl), por Lynnearlington. A seleção, ocorrida em 15 de outubro de 2018, teve como critério a popularidade no site, que pode ser mensurado por *bookmarks* - recurso equivalente ao favoritar - atribuídas pelos leitores.

ANÁLISE

Em Severed Crossed Fingers e 03:24:21, notamos a fuga do roteiro original da série como um dos pontos-chave. Nas duas histórias, os autores utilizaram-se de gêneros de *fanfictions* que abordam outras realidades: na primeira história, um universo alternativo, e na segunda vemos a adaptação de um filme para um contexto híbrido de série e conteúdo original. Assim, notamos que pouco é mantido, como os nomes e características pessoais dos personagens, e seus relacionamentos entre si.

Entre os relacionamentos, em Severed Crossed Fingers foi destacada como central a relação entre Cosima e Delphine. As duas possuem uma dinâmica semelhante ao roteiro original, onde Cosima interessava-se por Delphine sem saber se era algo recíproco. Como impeditivo entre elas, nesse universo alternativo foi colocado um namorado, levando ao assunto da sexualidade de Delphine. Na série, o único impeditivo para a relação das duas é a organização para qual Delphine trabalha, e em nenhum momento há muito questionamento sobre a sua sexualidade, algo que vemos diferente na *fanfiction*. Contudo, fora essas mudanças, o restante dos relacionamentos abordados são fiéis ao roteiro inicial, trazendo os mesmos casais com as mesmas dinâmicas, apenas alteradas de acordo com a nova narrativa. Nessa *fanfiction*, percebemos um foco maior em mudar o contexto geral e explorar novas possibilidades para as personagens do que qualquer outra mudança.

Já em 03:24:21, a história se desenvolve sob um roteiro pré-definido, já que é uma adaptação do filme de *time loop* chamado “12:01”. Mesmo com a diferença de narrativa, podemos apontar como um dos pontos centrais a relação de Cosima e Delphine, onde a primeira tem interesse romântico pela outra, mas não sabe se é correspondida. Como a

⁸ Ver: < <https://archiveofourown.org/works/2333768/chapters/5142644> >. Acesso em: 15 out. 2018

⁹ Ver: < <https://archiveofourown.org/works/2295785/chapters/5048954> >. Acesso em: 15 out. 2018.

¹⁰ Ver: < <https://archiveofourown.org/works/9802709/chapters/22012490> >. Acesso em: 15 out. 2018.

¹¹ Ver: < <https://archiveofourown.org/works/10557820/chapters/23322612> >. Acesso em: 15 out. 2018.

história não segue uma ordem de avanço cronológico, a autora mistura diversas situações passadas pelo casal na série de forma aleatória na *fanfiction*. Um exemplo disso é a traição de Delphine a Cosima, quando ela entrega informações sobre ela para Dr. Leekie na série, deixando claro que o envolvimento das duas havia sido simulado. A ideia de cena foi semelhante à original da série, uma forma que a autora encontrou de colocar detalhes de OB dentro da narrativa pré-existente, uma vez que isso não ocorre no filme no qual a *fanfiction* é baseada.

Sobre as duas personagens, outro ponto de destaque é a relação que a *fanfiction* faz sobre a sexualidade de Delphine. Diferentemente de Severed Crossed Fingers, essa *fanfic* aborda a bissexualidade de Delphine de forma natural, assim como se dá na série. Ainda em comparação com a primeira *fanfiction*, trazemos o ponto em comum de apresentar os mesmos relacionamentos primários da série, mas também o detalhe que a autora trouxe de colocar personagens que não se encontram durante as cinco temporadas da série - Dr. Leekie, Ethan Duncan e Henrik Johanssen - para contracenar algumas cenas. Essa foi uma forma de explorar novas possibilidades, que difere da alteração básica de cenário da *fanfic* anterior, apropriando-se mais dos elementos originais.

Em *Supergirl in Training*, ainda que vejamos incluída uma personagem inexistente na trama original - Lorelai L. Danvers, filha vinda do futuro de Lena Luthor e Kara Danvers -, a *fanfiction* não possui muitos pontos divergentes do universo canônico da série. Os personagens são os mesmos e o autor optou por manter também suas características, ocupações e histórico. Há referência a acontecimentos já passados na série, de forma fiel ao original, e elas são explorados no novo universo desenvolvido para a *fanfic*. O autor situou a história logo após o episódio 12 da 2ª temporada, onde Lena Luthor é presa e Kara é a única a acreditar em sua inocência, e a partir desse ponto os eventos se desenvolvem na mesma ordem e com os mesmos fatos da trama original. A diferença está só na natureza do relacionamento de Lena e Kara, já que o autor insere a informação de que Lena possui interesse platônico pela outra e, a partir desse detalhe, altera a história apenas de forma a incluir essa relação. As características das duas personagens não são alteradas, então elas reagem da mesma forma aos acontecimentos como fizeram na série, com a diferença básica de adaptação ao novo sentimento.

Assim como nas *fanfictions* anteriores, o autor de *Supergirl in Training* utiliza detalhes da narrativa original para dar suporte ao novo contexto trazido pela *fanfiction*.

Para ilustrar de forma mais verdadeira a paixão não correspondida, o autor traz situações da série que baseiam a atração de Lena, os mesmo detalhes apontados pelos fãs para considerar o *ship* como uma forma de *queerbaiting*. O episódio em que Lena enche a casa de Kara com flores, a reação visual da personagem à notícia sobre o namoro de Kara e Mon-El, a liberação não usual que ela concede a Kara para que essa possa ir ao seu escritório sem passar pela liberação da portaria. São diversos os detalhes que chamam a atenção dos *shippers* de Supercorp na série e que são utilizados na *fanfiction*. A diferença está no autor acrescentar maior peso a algumas cenas, deixando claro o possível sentimento de Kara, o que é lido apenas nas entrelinhas na série. Quanto a outras mudanças de relacionamentos na realidade dos outros personagens, essas são pequenas: o relacionamento de Alex e Maggie continua a existir no futuro da história - diferentemente da série, onde as personagens terminam na 3ª temporada - e J'onn e M'Gann que são descritos como um casal que se reencontra futuramente, sendo que no roteiro original M'Gann volta para o seu planeta e abandona J'onn.

Na segunda *fanfiction* de Supergirl analisada, *My Youth is Yours*, notamos semelhanças à análise anterior. A história é uma releitura da 2ª temporada da série, com os mesmos acontecimentos e, inclusive, com falas e interações copiadas, com um único diferencial: a autora adiciona a informação de que Lena e Kara namoraram durante a faculdade e o que a série mostra como um primeiro contato das duas é, na verdade, um reencontro. Sendo assim, da mesma forma que ocorre em *Supergirl in Training*, nessa *fanfic* a relação de Supercorp é o foco da história. A autora utiliza agora *flashbacks* como recursos para embasar e dar maior impacto para as situações de *queerbaiting* na série, de forma que os argumentos dos fãs sobre a relação subentendida entre as duas ganha força, tornando-se plausíveis nesse contexto.

Assim como na série, Mon-El adquire interesse romântico em Kara e tenta conquistá-la da mesma forma. A diferença na *fanfiction* é que Kara não retribui os sentimentos do outro, já que ainda tem esperanças de voltar com Lena. Esse detalhe marca a história, já que sem a intenção dos autores de colocar um interesse romântico forçado para Kara, o desenvolvimento da história se dá de forma diferente, com mais fluidez na narrativa e crescimento pessoal da protagonista. Além dessas mudanças, o restante dos relacionamentos e características dos personagens permanecem, como Alex descobrindo sua sexualidade e se interessando por Maggie, James e Winn unindo-se para criar o

Guardian, Lex Luthor preso e Lilian Luthor como vilã. Até mesmo os *crossovers* originais da série continuam presentes na *fanfic*, como na visita de Barry Allen, da série The Flash (The CW, 2014-) à Kara, pedindo ajuda com o seu universo.

Outro detalhe das duas *fanfictions*, que ocorre de forma oposta à narrativa de Severed Crossed Fingers abordada anteriormente, é a questão da sexualidade. Enquanto na outra análise a série tratou de maneira natural a descoberta da sexualidade da personagem e a *fanfiction* deu importância a mais para o fato, com essa história ocorre o contrário: a *fanfiction* não se aprofunda nessa questão, enquanto a série faz grande apelo ao assunto quando o aborda. Em My Youth is Yours e Supergirl in Training, nem Kara ou Lena se importam com o gênero da outra, apenas com o sentimento desenvolvido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É claro o papel da *fanfiction* nos *fandoms* e o que traz a diferentes situações de representação. O estudo nos leva a uma teoria acerca da maneira como os fãs parecem expandir a narrativa dos universos que tem afeição através da *fanfiction*. A partir do que foi analisado sobre as *fanfics* de Supergirl plataforma AO3, percebemos como as histórias não se afastam do roteiro original da série, modificando apenas minimamente o conteúdo base da narrativa. Contudo, o ponto em comum de mudança do roteiro foi a consolidação do não-canônico Supercorp. Entendemos, a partir de Louro (2000), que essa ação pode ser explicada pela faixa etária do fã da série, que está em formação da sua identidade e busca na mídia uma forma de validação. Acreditamos ainda que as *fanfictions* de Supergirl sejam uma forma do fã preencher a lacuna que a falta de representação significativa na série, mantendo a narrativa original e apenas inserindo sua identidade *queer* nos espaços do texto.

Por outro lado, quando comparamos essas *fanfictions* às analisadas dentro do *fandom* de Orphan Black na plataforma, percebemos como elas seguem linhas diferentes de expansão de universo. Enquanto as *fanfictions* de Supergirl tendem a se manter próximas à narrativa original, apenas inserindo Supercorp como mudança, as *fanfictions* de Orphan Black expandem para além o universo da série. Elas se utilizam de gêneros narrativos diferentes para criar histórias com pouca conexão com a narrativa original, salvo os personagens e suas relações entre si. Dentre essas relações, demos destaque ao

ship LGBT da série, Cosima e Delphine, que estão no centro das histórias, ainda que essas *fanfics* analisadas não tenham o relacionamento como eixo narrativo.

A partir da identificação da diferença entre as linhas de histórias analisadas nos dois *fandoms*, inferimos que a consolidação da representatividade LGBT na série influenciou na liberdade narrativa dos enredos. Uma vez que não é preciso suprir a representação que a série já oferece, o *fandom* pode se aventurar por outros caminhos, expandindo a narrativa da mesma forma Jenkins (2015) comenta ser típico do fã. Entendemos que a consolidação dessa representatividade coloca o fã com interesse em um *ship queer* na mesma posição de qualquer outro fã, que utiliza essa *fanfics* para expandir suas possibilidades. Por outro lado, o fã que carece de representatividade parece estar em outro estágio, onde ainda se dedica a preencher lacunas no conteúdo original para se ver representado propriamente. Assim, acreditamos que exista uma escala de liberdade na expansão da narrativa regulada pela representatividade LGBT de *fandoms* que possuem interesse nesse segmento de representação e identidade. Quando o problema de representação é solucionado, o fã recebe a liberdade para criar além das necessidades, explorando todo seu potencial criativo para dentro e além da tela.

BIBLIOGRAFIA

BRAVO, Juliana Ribeiro Pinto. **A Heteronormatividade Televisiva: o armário televisivo brasileiro**. 2014. Monografia (Bacharelado em Cinema) - Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, 2014. Disponível em: < <https://app.uff.br/riuff/handle/1/5574> >. Acesso em: 16 set. 2018.

DUARTE, Gabriel. **Queerbaiting na ficção**. Super Interessante, 04 jul. 2018. Disponível em: < <https://super.abril.com.br/blog/turma-do-fundao/queerbaiting-na-ficcao-saiba-o-que-e-e-por-que-e-prejudicial/> >. Acesso em: 07 out. 2018.

DEGALAN, Anna Jean. **Supergay: a queer analysis of the CW's Supergirl**. Bowling Green State University. In: CONFERENCE SESSION SEVEN, 2018, Bowling Green. Disponível em: < <https://scholarworks.bgsu.edu/rbc/2018conference/012/4/> >. Disponível em: 19 out. 2018.

FATHALLAH, Judith. **Sherlock**. Television & New Media, v. 16, n. 05, p. 490-500, 2015. Disponível em: < <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1527476414543528> >. Acesso em: 25 set. 2018.

GROS, Alexis Emanuel. **Judith Butler y Beatriz Preciado: una comparación de dos modelos teóricos de la construcción de la identidad de género en la teoría queer**. Civilizar, Bogotá, v. 16, n. 30, p. 245-260, jan./jun. 2016. Disponível em: < <http://ref.scielo.org/yjd2m9> >. Acesso em: 09 set. 2018.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2015. 432 p.

- JENKINS, Henry. **Textual Poachers: television fans and participatory culture**. Nova Iorque: Routledge, 1992. 354 p.
- JULIO, Karina Balan. **Dissecando a cultura dos fandoms**. Meio e Mensagem, 8 dez. 2017. Disponível em: < <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2017/12/08/dissecando-a-cultura-dos-fandoms.html#> >. Acesso em: 24 ago. 2018.
- KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. São Paulo: Edusc, 2001. 454 p.
- KRIPPENDORFF, Klaus. **Content Analysis: an introduction to its methodology**. 2. ed. Washington D.C.: SAGE Publications, 2004. 413 p.
- LEAL, Silvana Righi. **O Fandom na Televisão: uma análise da participação dos fãs na cultura contemporânea através das séries de TV**. 2017. 16 f. Monografia (Especialização em Televisão e Convergência Digital) - Unidade Acadêmica de Educação Continuada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2017. Disponível em: < <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6784> >. Acesso em: 12 ago. 2018.
- LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 168 p.
- MATHISEN, Alexa. **Why LGBT Fan-Made Relationships Need To Be Respected**. Odyssey, 25 jul. 2017. Disponível em: < <https://www.theodysseyonline.com/lgbtqia-fan-made-relationships-need-respected> >. Acesso em: 21 out. 2017.
- MONTEIRO, Tiago José Lemos. **Autenticidade, legitimação e disputa simbólica**. IN: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 30., 2007, Santos, Anais... Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0138-1.pdf> >. Acesso em: 20 ago. 2018.
- MORAES, Letícia Wunderlich. **O Chame pelo Nome: a percepção do público em relação ao queerbaiting em séries**. 2018. 102 f. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018. Disponível em: < <https://hdl.handle.net/1884/56576> >. Acesso em: 16 set. 2018.
- NORDIN, Emma. **From Queer Reading to Queerbaiting: the battle over the polysemic text and the power of hermeneutics**. 2015. 80 f. Dissertação (Mestrado em Cinema Studies) - Dep. of Media Studies, Stockholms Universitet, Stockholm, 2015. Disponível em: < <http://urn.kb.se/resolve?urn=urn:nbn:se:su:diva-118819> >. Acesso em: 22 set. 2018.
- PIVA, Heidi Campana; AFFINI, Letícia Passos. **Apontamentos e discussões sobre o conceito de Fanfiction**. Temática, Paraíba, v. 13, n. 7, p. 151-164, jul. 2017. Disponível em: < <http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/35384/18043> >. Acesso em: 14 ago. 2018.
- PORTO, Bruno. **Henry Jenkins: o jovem é o guardião da cultura**. O Globo, Rio de Janeiro, 25 mai. 2010. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/cultura/megazine/henry-jenkins-jovem-o-guardiao-da-cultura-3002904> >. Acesso em: 24 ago. 2018.
- SANDVOSS, Cornel. **Fans: the mirror of consumption**. Cambridge: Polity Press, 2005. 198p.

SCETRINI, Bethany A. **Fan Responses to Orphan Black and The 100 via Blog, Fanfiction, and Ship Wars**. 2016. 80 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Graduate School, Baylor University, Waco, 2016. Disponível em: < <https://baylor-ir.tdl.org/handle/2104/9898> >. Acesso em: 14 out. 2018.

VALVERDE, Joelma Rivera Lima. **Diga-Me Quem Sou E Mostro-Lhe Quem És: o fã de série como agente disseminador das séries americanas na cibercultura**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, 2011. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1518-1.html> >. Acesso em: 24 ago. 2018.

VARGAS, Maria Lúcia Bandeira. **Do fã consumidor ao fã navegador-autor: o fenômeno fan fiction**. 2005. 209 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2005. Disponível em: < <http://tede.upf.br:8080/jspui/handle/tede/869> >. Acesso: 26 ago. 2018.